

Um Trabalho com História Oral no Canto do Ribeirão

Mariana S. Almeida Pirró

Este trabalho é uma parte de uma pesquisa desenvolvida com as Comunidades Tradicionais Caiçaras do Arquipélago de Ilhabela. Uma abordagem de pesquisa-ação onde esta pesquisadora vem, desde 2001, convivendo, observando, registrando e buscando envolver os moradores dessas comunidades nos estudos e projetos que realiza em conjunto com a Associação dos Moradores e Pescadores da Baía dos Castelhanos, com o Parque Estadual de Ilhabela, Prefeitura Municipal e diversos pesquisadores.

O Arquipélago de Ilhabela localiza-se no Litoral Norte do Estado de São Paulo, e, em sua face oceânica, vivem 16 comunidades caiçaras. A Baía dos Castelhanos encontra-se na face leste da Ilha de São Sebastião – principal ilha deste arquipélago, e ali existem 6 comunidades: Sombrio, Figueira, Vermelha, Mansa, Lagoa e Ribeirão.

O Canto do Ribeirão está localizado a noroeste da Baía dos Castelhanos. A vila caiçara ocupa o morro, os moradores são considerados coletores e extrativistas, vivem dos recursos da mata, confeccionam artesanato com palha e bambu e pescam para o consumo da família; também trabalham como caseiros e na construção civil das casas de veranistas que vêm sendo construídas. Ali vivem três famílias, que na verdade é uma só.

O trabalho de História Oral aqui relatado foi desenvolvido através de conversas com os três casais mais antigos que formam essas famílias. Focando no tema “histórias de vida”, a pesquisadora conduziu as conversas para que os velhos buscassem em suas memórias a vida que tiveram desde a infância, relembrando o percurso que seguiram ao longo das décadas e que os trouxe até o presente momento.

Conforme colocado por Freitas, 2002¹, História Oral é um método de criar fontes históricas a partir de relatos e depoimentos, recuperando as memórias e obtendo documentos que não foram escritos. Neste contexto, o entrevistado é considerado um agente histórico, sua visão, acerca da experiência e dos acontecimentos sociais que passou, faz parte da reconstrução do passado recente. Documentos obtidos com História Oral permitem relembrar o passado, legitimar a história do presente e servir ao futuro.

A pesquisa realizada buscou compreender o processo de formação do território desta comunidade caiçara: através da transcrição e interpretação dos depoimentos, foi possível elaborar um texto que reconstruiu um pedaço da história.

¹ FREITAS, Sônia Maria; História Oral: Possibilidades e Procedimentos; Humanitas; São Paulo; 2002.

“Sr. Barbosa era o dono daquelas terras, pai de D. Catarina e Sr. Otávio, casou-se pela segunda vez com D. Celeste. Sr. Pedro e Sr. Dito, irmãos de D. Celeste, foram morar no Canto do Ribeirão e então trabalhar nas plantações do Sr. Barbosa. Sr. Dito casou-se com D. Catarina e Sr. Pedro casou-se com D. Natalina. Sr. Barbosa é falecido, porém todos os outros ainda vivem no Canto do Ribeirão e são os contadores desta história.

(...) Barbosa era muito trabalhador, tinha muita roça; plantava banana, que vendia para Santos, também tinha plantação de cana e outros alimentos: laranja, limão, abóbora, melancia, mandioca, pimenta, que alimentava a família e era mandado pelos barcos para Santos. (...) Naquele tempo era tudo limpo, sem mato, tudo plantação de cana. Desse morro aqui para cima era tudo canavial, até a Lagoa era tudo do Leonardo. Barbosa tinha cana aqui para cima nesse mato, tudo tinha cana, ele vendia cana para o Leonardo, para fazer pinga, ele tinha carro de boi, tinha tudo.’ (Sr. Pedro). Barbosa e Leonardo eram os dois proprietários das terras. Leonardo tinha o engenho de aguardente, onde era produzida a pinga Favorita, Barbosa plantava cana e vendia para Leonardo.

Quando não estavam trabalhando no engenho, estavam na roça. Ou trabalhavam nas terras do Barbos; no bananal, fazendo farinha ou plantando cana; ou então na roça da família. Sr. Pedro contou que a roça da sua família, era ali no caminho do mirante, lá tinha abóbora, cana, melancia, batata doce, milho. Sr Dito também fez roça para ele, mas era conhecido por plantar muita banana.”

Consideramos que a realização de uma pesquisa utilizando o método da História Oral é uma maneira de valorizar pessoas...

Sr. Dito era um homem muito trabalhador, era muito forte, dizem que o Sr. Barbosa, seu cunhado, gostava muito dele.

“(...) essas bananas que estão plantadas por ai foram tudo eu que plantei. O bananal que tem em cima da queda d’água, do finado Barbosa, fui eu que plantei todo ele, até na Lagoa teve banana que eu plantei.”

(Depoimento Sr. Dito Euzébio)

... de contribuir para a reconstrução da identidade dos mais velhos, que muito viveram e ainda fazem parte da vida do Lugar...

Naquela época trabalhava muito ... “já fiz muita vantagem, agora com minhas pernas não posso mais ficar andando para lá e para cá.

Não parava o dia todo, chegava em casa só para comer e tomar um banho e dormir”. (Depoimento Sr. Pedro Euzébio)

...e de produzir um documento para firmar a posição dos caiçaras nas terras que viveram, que ainda moram e têm o direito de continuar vivendo, dando condições dignas de vida para novas gerações:

“No tempo do Sr. Otávio era tudo mata, tudo plantação, só eles mesmo que moravam ali.

Ele contou que se criou na Lagoa, o pai dele (Sr. Barbosa) ‘(...) tinha uma casa grande lá; depois que a família se mudou para o Canto do Ribeirão. A primeira casa que construíram era mais embaixo, onde hoje é a casa do finado Francês.’ (Depoimento Sr. Otávio)

O trabalho de História Oral é parte da monografia para conclusão do curso de bacharel em Geografia, orientado pela Prof^a Dr^a Sueli A. Furlan, intitulado: Baía dos Castelhanos – A Baía dos Castelhanos e seus Lugares: um olhar para o lugar. O principal objetivo desta pesquisa foi registrar e valorizar um pedaço do presente, através de uma parte da vida que existe neste Lugar e que está passando por grande transformação.

Com a intenção de transmitir a enorme riqueza e importância que estas pessoas têm a para a vida de Castelhanos, assim como deixar registrado para que as próximas gerações possam conhecer de onde vieram, os depoimentos foram transcritos e, acompanhados por fotos, foram levados a cada um dos entrevistados.

A história produzida também vem servindo de material didático, o professor que leciona para as crianças e jovens está trabalhando com a história local, e vem montando uma peça de teatro.